

METRÓPOLE x COLÔNIA: A LEGITIMAÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ DE ROBINSON CRUSOÉ CONTRA O PAGANISMO DE SEXTA-FEIRA

METROPOLIS x COLONY: THE LEGITIMIZATION CHRISTIAN RELIGION ROBINSON CRUSOÉ AGAINST PAGANISM SEXTA-FEIRA

Geraldo Brandão Neto*

Resumo: A obra Robinson Crusoe de Daniel Defoe é considerada até hoje uma das obras clássicas da literatura mundial. Fundamenta-se em uma época em que o romance tende a ascender, segundo a visão de Ian Watt - que atribui ao texto de Defoe a legitimação de uma concepção econômica - posteriormente a se afirmar, no ponto de vista de Luiz Costa Lima. O confronto clássico da obra, a luta da personagem principal Robinson Crusoe de sair definitivamente da ilha em que está encarcerado se dá em paralelo com a relação que Crusoe trava com seu amigo Sexta-Feira. O presente trabalho tem como objetivo focar as relações de poder que se estabelecem nessa relação que oscila entre a horizontalidade e a verticalidade sob o prisma da religião, descrevendo como Robinson Crusoe exalta sua fé cristã perante o paganismo de Sexta-Feira. Importante ressaltar que a afirmação da religião por parte de Robinson Crusoe em muitos momentos da obra segue uma espécie de subjugação e cria um contraste entre a figura do branco europeu como o colonizador e a do nativo asiático, representando o colono oprimido. Para concretizar este intuito, os referenciais teóricos deste texto serão Homi K. Bhabha, Luiz Costa Lima, Ian Watt, Ítalo Calvino e Mircea Eliade.

Palavras-chave: Robinson Crusoe. Religião. Sexta-Feira. Deus. Daniel Defoe.

Abstract: The book Robinson Crusoe by Daniel Defoe is considered today one of the classic works of world literature. Is based on a time when the novel tends to rise , according to the vision of Ian Watt - it attaches to the text of Defoe legitimation of economic design - later to assert , in view of Luiz Costa Lima . The classic confrontation of the work , the struggle of the main character Robinson Crusoe definitely leaving the island that is incarcerated occurs in parallel with the relationship that Crusoe hangs with his friend Friday . This paper aims to focus on the power relations that are established in this relationship that oscillates between horizontality and verticality through the prism of religion , describing how Robinson Crusoe exalts his Christian faith to the paganism of Sexta-Feira . Importantly, the affirmation of religion by Robinson Crusoe in many moments of the work follows a kind of subjugation and creates a contrast between the figure of the white European colonizers as Asian and Native representing the oppressed colonists . To achieve this aim , the theoretical frameworks of this text will be Homi K. Bhabha , Luiz Costa Lima , Ian Watt , Italo Calvino and Mircea Eliade.

Key-words: Robinson Crusoe. Religion. Sexta-Feira. God. Daniel Defoe.

* Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do município de Paragominas – Pará e especialista em Estudos Literários. E-mail: geraldsenna@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O que dizer acerca de um texto clássico a não ser aquilo que já foi dito há muito tempo? Vasculhar os pormenores de um texto conhecido sem ter o devido cuidado pode ser fatal para as pretensões daqueles que tentam proporcionar uma nova interpretação ou um novo ponto de vista a uma história bastante conhecida. Assim, pretende-se ter a devida cautela o artigo que se inicia com palavras tão indagadoras e meticulosas quando almeja abordar a respeito de uma narrativa tão famosa e estudada quanto o *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.

Vale ressaltar que a narrativa de Defoe estabelece uma multiplicidade de interpretações, haja vista que temos um texto que pode ser encarado como um, dois ou até mesmo três gêneros. Inegável afirmar que a fatídica história de *Crusoe* não seja um romance, pois apesar de trazer consigo uma trama até certo ponto simples, possui também características de outros gêneros, como o diário e autobiografia. Levando em consideração a proposta de interpretação religiosa desta análise e a presença desta temática na obra em questão, Watt (1996) afirma que:

Robinson Crusoe inaugura no romance aquela abordagem da experiência que compete com a autobiografia confessional e supera as outras formas literárias no tocante a aproximar o leitor do ser moral, interior do protagonista e consegue isso utilizando como base formal a memória autobiográfica, que foi a expressão literária mais imediata e difundida da tendência introspectiva do puritanismo em geral. (pp. 68-69)

Prosseguindo com esta afirmativa, evidencia o quão rica é a história de Daniel Defoe a partir do momento que ela leva o leitor a encarar diferentes possibilidades de compreensão do texto. *Robinson Crusoe*, por muito tempo foi uma obra literária estudada com uma explicação capitalista, pois a personagem principal, quando se encontra na ilha e com o transcorrer dos anos passa a ter os primeiros contatos com outras pessoas e acaba por criar um mecanismo de poder que tem por objetivo principal confirmar sua soberania na ilha em que se encontra há longos anos. É nessa concepção que muitos especialistas vêm se debruçando sobre a obra capital de Defoe e que atribui ao texto um viés de interpretação da estruturação do capitalismo e das relações econômicas que perduram até os dias atuais:

O que à primeira vista poderia classificar *Robinson Crusoe* na categoria especial de “viagem e aventura” na verdade não é válido. A ênfase na viagem tende a colocar o livro numa posição um tanto periférica em relação ao

desenvolvimento do gênero romance, pois remove o herói de seu ambiente habitual, condizente com relacionamentos sociais estáveis e coesos. Porém Crusoé não é um simples aventureiro, e suas viagens, como sua independência em relação aos laços sociais, não passam de casos um tanto extremos de tendências normais na sociedade moderna como um todo, pois, ao transformar a procura do lucro num motivo básico, o individualismo econômico aumentou em muito a mobilidade individual. Como demonstraram estudos modernos, a trajetória de Robinson Crusoé baseia-se mais especificamente em alguns dos incontáveis volumes sobre as explorações daqueles viajantes que, no século XVI, contribuíram muito para o desenvolvimento do capitalismo proporcionando o ouro, os escravos e os produtos tropicais de que dependia a expansão do comércio e continuaram o processo no século XVII desenvolvendo as colônias e os mercados internacionais dos quais dependia o futuro progresso do capitalismo. (WATT, 1996, p. 61)

A principal finalidade deste artigo é se concentrar em expor como a religião, tão importante como eixo de interpretação da narrativa se constrói na relação entre Robinson e Sexta-Feira, nativo que ele resgata da morte e com quem manterá uma profunda relação ao longo de toda a trama. Como o romance começa a ascender nesta época, tem-se a convicção de que a narrativa de Defoe legitima não só o desenvolvimento do romance, mas também uma concepção de poder da coroa inglesa ao redor do mundo:

(...) nosso propósito é mais restrito: relacionar o fundo religioso com a maneira que Defoe usa para legitimar o romance. Fazemo-lo, chamando apenas a atenção para o fato de que o romancista, em sua obra ficcional, sempre explora uma pretensa memória autobiográfica, que lhe serviria de filão correlato à “autobiografia espiritual”, legitimada em sua tradição religiosa. (COSTA LIMA, 2009, p. 279)

Robinson Crusoé é uma história que se desenvolve com inúmeras referências à Bíblia, pois em muitas passagens o narrador cita trechos do *Livro Sagrado*. Crusoé, no começo da história, abandona a casa paterna para logo em seguida perceber que suas futuras ações lhe causarão grandes problemas. É justamente nessa cena que encontramos a primeira citação a Deus, além da referência bíblica do Filho Pródigo:

Tudo isso enquanto a tormenta recrudescia, e o mar, pelo qual eu nunca antes tinha viajado, crescia muito, embora nada como mais tarde eu chegaria a ver; não, nem mesmo como que veria poucos dias depois. Mas era suficiente para impressionar àquela altura a mim, jovem que fazia a primeira viagem e não sabia nada sobre o assunto. Eu imaginava que a próxima onda nos engoliria, e cada vez que o navio se precipitava para baixo, dando a impressão de que descia ao fundo de um poço ou nas profundezas do mar, achava que nunca mais tornaria a superfície; e em meio a essa agonia mental fiz muitas promessas e tomei muitas resoluções, que se aprofundasse a Deus poupar minha vida naquela viagem, que se eu tornasse a pisar em terra firme,

voltaria diretamente para a casa do meu pai e nunca mais poria os pés num navio até o fim dos meus dias; que acataria seus conselhos e nunca mais me exporia a provações como aquela. Agora eu via claramente o acerto de suas observações sobre a situação intermediária na vida; como ele vivia com conforto e facilidade todos os seus dias, sem jamais se ver exposto a tormentas no mar ou a problemas em terra; e resolvi que, como um verdadeiro Filho Pródigo arrependido, regressaria para a casa do meu pai. (DEFOE, 2011, pp 51-52)

Esta passagem transcorre antes mesmo do momento em que Robinson deixa a Inglaterra para se aventurar na África e posteriormente chegar ao Brasil ou “Brasis”, como mencionado na obra. Após esse evento desastroso de primeiro contato com o mar, Crusoé volta para a casa paterna admitindo que a vida nos mares não lhe convém. A citação acima demonstra um arrependimento que a protagonista possui com relação à desobediência do pai, o que significa dizer que no inconsciente de Robinson, transgredir as ordens do pai seria sinônimo de conflito, isto é de ações mal realizadas. Calvino (1993), afirma que o romance defoeniano sai

o qual, segundo a imposição autobiográfica, não narra apenas as aventuras do naufrágio e da ilha deserta, mas começa *ab ovo* e prossegue até a velhice do protagonista, também nisso seguindo um pretexto moralista, de uma pedagogia, para ser franco, demasiado restrita e elementar para ser tomada a sério: a (des) obediência ao pai, a superioridade da condição média, do modesto viver burguês, acima de qualquer miragem de audazes fortunas. É por transgredir tais ensinamentos que Robinson se meterá em tantas confusões. (p. 104)

Sabendo que o ambiente domiciliar não o satisfaz plenamente, Robinson se volta contra seus pensamentos durante o momento em que passou perigo no mar e abandona a casa dos pais definitivamente. A partir deste instante, sua vida oscilará entre o perigo e a bonança. Primeiro, ao trabalhar como mercador de escravos na África acaba por ser preso; um nativo africano consegue ajudá-lo a se libertar. Se “sensibilizando” em fazer de seu salvador uma espécie de “moeda-de-troca” devido a investida de um mercador que desejava comprá-lo, Robinson somente aceita vendê-lo porque “sua indecisão termina quando, ao expor as razões por que vacilava, a contraparte lhe oferece um argumento religioso: o novo dono o tornaria livre dentro de dez anos, se ele se houvesse convertido ao cristianismo” (LIMA, 2009, pp. 274-275). Em um segundo período, chega ao Brasil e se torna um grande agricultor, chegando a fazer fortuna. Anos depois, convencido a fazer uma nova viagem, abandona seu próspero negócio no Brasil, que lhe rendia uma boa condição financeira e retorna ao mar. É neste ponto da narrativa, ao cruzar o sul da América do Sul que Crusoé mudará sua vida para sempre.

I. A VIDA NA ILHA: A SOLIDÃO É FÍSICA, JAMAIS ESPIRITUAL

Após o naufrágio e os primeiros instantes de familiarização com o ambiente da ilha, a narrativa passa a transitar, grosso modo, entre duas vertentes, claramente identificadas: o sistema de divisão de poder, em que a protagonista sobrevive mediante o uso dos utensílios retirados daquilo que sobrou dos destroços do navio e a influência religiosa, característica importante na essência da narrativa.

É justamente, nos momentos de solidão na ilha que Robinson Crusoe passará a ter uma consciência maior das manifestações divinas que o acompanharão por toda a sua estadia naquele ambiente “inóspito”. Importante salientar aqui que a única “companheira” que Robinson terá em seus primeiros meses é a Bíblia Sagrada, encontrada no navio e que será objeto propício para os piores momentos da protagonista. A partir deste instante, Crusoe diz “orei a Deus pela primeira vez desde a tempestade ao largo de Hull, mas mal me lembro do que disse, ou por quê: minhas ideias estavam confusas” (DEFOE, 2011, p. 145). Entende-se, deste fragmento que a vida anterior de Robinson Crusoe, antes da chegada à ilha era uma existência totalmente sem sentido, pois o protagonista não tinha um conceito estabelecido do viver. Em seguida ao momento em que está na ilha, o herói passará a entender melhor todo o seu passado e a admitir uma nova perspectiva para a sua vida, perspectiva esta que será condicionada por uma forte presença da religião.

Quando ele começa a correr perigo, o sagrado tende a se manifestar para a protagonista e ela tende a perceber melhor os seus atos, isto é, entende a sua condição humana e principalmente sua situação angustiante faz com que Robinson compreenda a dependência que ele terá da presença de Deus em sua vida, pois quando “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2010, p. 17). A começar do momento em que busca Deus como meio de salvação e Ele o atende mediante suas manifestações, a protagonista desenvolverá de forma mais plena a sua condição espiritual:

Se Deus atribuiu ao indivíduo a responsabilidade básica pelo próprio destino espiritual, segue-se que ele tornou isso possível revelando suas intenções através dos fatos da vida cotidiana. Assim, o puritano tendia a ver em cada momento de sua experiência pessoal, um rico potencial de significado moral e espiritual; e o herói de Defoe age segundo essa tradição quando tenta

interpretar muitos fatos mundanos da narrativa como indicadores divinos que podem ajudá-lo a encontrar seu lugar no plano eterno de redenção e danação. (WATT, 1990, pp. 69-70)

Assim, Crusoé demonstra ter certo arrependimento pelos atos cometidos anteriormente aos momentos que vivera na ilha, pois ele agia conforme seus impulsos e não demonstrava valor para a sabedoria alheia, principalmente a sabedoria familiar, representada pela figura de seu pai. Desta forma, Robinson atribui a si uma *mea culpa*, considerando-se um indivíduo cheio de falhas e inconstâncias, ou seja, grosso modo, ele se intitula um pecador e começa a adquirir uma crença religiosa:

Eu não tinha, ai de mim, nenhum conhecimento religioso. O pouco que tinha recebido graças à boa instrução do meu pai estava, àquela altura, desgastado já havia oito anos por uma série ininterrupta de pecados de marujo, além de conversas constantes apenas com pessoas que, como eu, eram pecadoras e profanas ao mais alto grau. Não recordo que eu tivesse, em todo esse tempo, sequer me dado o trabalho de elevar os olhos para Deus, ou voltado o olhar para dentro de mim mesmo na intenção de refletir sobre meu modo de ser. Eu tinha sido completamente tomado por uma certa estupidez da alma, sem aspiração ao bem ou consciência do mal, e me tornara a criatura mais calejada, irrefletida e perversa que se pode imaginar de um marujo comum, sem qualquer noção do temor a Deus no perigo ou de agradecimento a Deus na salvação. (DEFOE, 2011, p. 147)

Robinson, desde então, adquire uma virtude que não fazia parte anteriormente de seus atributos: o da humildade. Ele já vê com bons olhos, obviamente, a intervenção divina em sua vida e passa ter um sentimento de gratidão a Deus por tudo aquilo de bom que lhe acontece, pois “havendo até então se considerado um desgraçado, por castigo ou por desígnio, crê-se agora um protegido de Deus” (LIMA, 2009, p. 277). Fica claro, desta forma o quanto ele já assimila a religião como uma válvula de escape para os infortúnios que virão e tende a se fortalecer por meio da bondade divina que lhe poupará a vida e futuramente dará a chance de sair daquele hábitat desconhecido.

Doravante, não só o caráter econômico perde espaço na obra literária, mas também todo aspecto que porventura se relacione com um lado científico. Basicamente, Crusoé, que antes agia sob o impacto da racionalidade, muda completamente suas sensações acerca do mundo que o rodeava e assimilará uma fé até então ignorada como até então desconhecido também era a figura de Deus como um Salvador em sua vida. O narrador deixa evidente que o *Deus ex machina* não é o mote central da narrativa, mas sim que o protagonista acabará por se encontrar espiritualmente consigo mesmo,

conhecendo um homem que ele mesmo, figura central da história, não conhecia. Dessa forma, a narrativa estabelece a clássica rivalidade entre a Ciência e a Religião, pois Robinson chega a afirmar que “eu simplesmente ignorava Deus, ou uma Providência, e agia como uma criatura bestial que seguisse apenas os princípios da Natureza e os ditames do senso comum; e na verdade nem mesmo isso”. (DEFOE, 2011, p. 148)

Pode-se perceber que o lado racional de Robinson Crusóé aflorou nele enquanto vivia na Inglaterra. Já presente na ilha, aflora em seu ser a questão religiosa. Torna-se compreensível, portanto, que a ilha, na visão de Robinson, toma a forma de um espaço sagrado. O ato de explorar esse espaço sagrado fará que a personagem principal construa sua própria habitação. Convém propor a ideia de que o protagonista somente consegue atingir tais objetivos de construir uma habitação porque ele está naquele espaço desconhecido. Salienta-se que o espaço desconhecido se tornará um espaço habitável somente com a consagração religiosa do mesmo, já que assim ele (espaço desconhecido) será um ambiente que já foi sagrado pelos deuses. Todo espaço (casa, ambientes inóspitos, etc) só recebem este caráter sagrado por que são, metaforicamente falando, espaços onde devem residir os deuses, isto é, quando se faz a cosmização de um espaço mediante o ato de organizá-lo, você reitera a consagração divina daquele lugar. A ilha será uma espécie de ambiente sagrado na visão do texto, pois a partir do desconhecido daquele ambiente, o local passará por uma transformação geral e se converterá em objeto de autoconhecimento para o protagonista, pois na ilha a hierofania² se apresentará de forma mais plena:

Esses poucos exemplos mostram-nos os diferentes meios pelos quais o homem religioso recebe a revelação de um lugar sagrado. Em cada um desses casos, as hierofanias anularam a homogeneidade do espaço revelaram um “ponto fixo”. Mas, visto que o homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado, é preciso que tenhamos em conta uma quantidade de técnicas destinadas a consagrarem-lhe o espaço. Como vimos, o sagrado é o *real* por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver *no sagrado* equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 2010, pp 31-32)

Viver na ilha para Robinson é viver justamente em um espaço sagrado, seria de uma certa forma – e é – manter contato com o desconhecido. Mas o incógnito

* Manifestação do sagrado- tornando uma simples forma profana, em sagrada.

encontrado pelo herói é um lugar em que ele terá as mais importantes situações introspectivas de sua vida, ainda mais se levar em consideração os riscos pelo qual enfrenta. O contato com a ilha é um contato com o não revelado, com aquilo que se está por descobrir. Se a ilha é o ambiente em que o sagrado se manifesta plenamente na narrativa de Defoe, então ela é também o espaço da fertilidade, da produtividade constante quando o trabalho se faz também de forma intensa, pois mesmo sem como ter alimentos, ao andar pela ínsula ele consegue encontrar frutos que o sustentarão. A respeito dessa afirmação, o próprio Robinson Crusóé nos fala:

No dia seguinte, 16 de julho, tornei a tomar o mesmo caminho, e depois de chegar um pouco mais longe que na véspera reencontrei o riacho, as savanas começaram a rarear e a mata se mostrou mais fechada que antes. Nessa parte encontrei diferentes frutas, especialmente melões no chão em grande abundância e bagas de uvas nas árvores. As vinha se espalhavam pelas árvores, e os cachos de uvas se encontravam exatamente no auge, muito maduros e saborosos. Foi uma descoberta surpreendente, e fiquei muito feliz com ela. (DEFOE, 2011, pp. 159-160)

A vida na ilha será para Robinson a experiência do real, do concreto. O presente local passa a ser a representação da bondade, pois ela é para Crusóé o lugar da salvação, mas também acaba por ser o espaço da expurgação dos medos e será o meio em que o herói se constrói de forma plena em ser humano.

II. METRÓPOLE X COLÔNIA OU CRUSÓÉ X SEXTA-FEIRA

Crusóé encontra em Sexta-Feira a companhia material que precisava para enfim por fenecer a solidão física que possuía na ilha. Salvando-o de ser morto por canibais, Robinson passa a delegar constantes atividades para que seu “subordinado” passe a desenvolver. Sexta-Feira, na verdade, será grato a seu salvador e com ele adquirirá características totalmente diferentes das que porventura detém.

Apesar da afinidade que se estreitará entre Robinson e Sexta-Feira, os dois sempre terão uma relação vertical ao longo da trama. Crusóé, “indiretamente” aplicará a conduta de seu servo uma ideologia presente no conceito de vida civil, isto é, ele acaba por querer transformar Sexta-Feira em um homem comum, pois tem como objetivo retirar os “maus hábitos” do nativo selvagem.

A fabricação da imagem de si mesmos como superiores, e a do ‘outro’ como inferior, funciona como estratégia de manutenção da autoridade, uma vez que mexe com o consciente coletivo inclusive, tanto de colonizador quanto de colonizado, numa busca constante pela superação dos próprios medos, refletido na necessidade de impor-se e controlar o desconhecido, através da distorção da imagem do ‘outro’ (FONSECA DIAS, 2008, pp. 10-11). Torna-se abominável para Robinson Crusó encarar o fato de divinização que os nativos têm de adorar a deuses que não é o Deus venerado pelos britânicos, pois para ele isso será uma blasfêmia contra a imagem maior, que é a imagem do Deus do Cristianismo. O que Crusó não percebe é que o homem daquela parte do mundo possui uma forte ligação com a natureza ao seu redor, com os hábitos que cultiva desde sempre e que por mais que Robinson converta Sexta-Feira a ser um cidadão comum, levando a palavra da Bíblia até ele, Sexta-Feira jamais deixará de ser o que é porque mesmo sendo inserido em uma sociedade diferente da sua, como a sociedade inglesa, por exemplo, ele permanecerá a ter as mesmas características que sempre possuiu.

Você é um médico, um escritor, um estudante, você é diferente, você é um de nós. É precisamente naquele uso ambivalente de diferente - ser diferente daqueles que são diferentes faz de você o mesmo – que o Inconsciente fala da forma da alteridade, a sombra amarrada do adiamento e do deslocamento. Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro. É em relação a esse objeto impossível que emerge o problema liminar da identidade colonial e suas vicissitudes. (BHABHA, 2010, p. 76)

A influência espiritual presente no texto pode explicar uma consideração relevante. *Robinson Crusó* é considerada uma narrativa de aventura, numa perspectiva didática. Neste contexto, destaca-se que a trama propõe uma interpretação subliminar. A conotação subliminar da obra se constrói numa perspectiva histórica, em que se torna evidente a expansão da política da coroa inglesa ao redor do mundo. Como meio de influência dos povos encontrados, faz-se como uma ideologia de subjugação a presença da religião nesta situação, pois mediante a “catequese”, o colonizador consegue, de certa forma, dominar o colonizado.

Mandei que Sexta-Feira recolhesse todos os crânios, ossos, pedaços de carne e o que mais restasse, juntei tudo numa pilha e acendi em cima uma grande fogueira, reduzindo tudo a cinzas. Percebi que Sexta-Feira ainda nutria algum desejo de comer um pouco daquela carne, e ainda era um canibal por

natureza; mas revelei tamanho horror diante da simples ideia, ou qualquer sinal daquilo, que ele não se atreveu a manifestar seu apetite. Porque eu, de alguma forma, tinha dado a entender que o mataria se tentasse (DEFOE, 2011, p. 286)

No fragmento extraído da obra de Defoe, percebe-se claramente a aversão de Crusoé pelos hábitos exóticos de Sexta-Feira. Na visão de Robinson, ter uma conduta como a demonstrada por seu fiel escudeiro seria uma ofensa a todos os preceitos de comportamento que a protagonista aprendeu ao longo de sua vida. Ao revelar horror perante o fato de Sexta-Feira desejar se alimentar de carne humana, este ato é um mecanismo que se tem de expor uma superioridade, superioridade essa que se desvela por Crusoé angariar os traços de civilidade que seu companheiro de aventuras não possui. Dessa forma, torna-se evidente o intuito de manipulação de Robinson para com Sexta-Feira, atuando como uma espécie de metáfora da dominação inglesa diante das colônias que estarão sob seu jugo.

Uma das formas de subjugação que as metrópoles praticavam era a religiosa. Por meio desta proposta de catequizar os nativos, o intento dos colonizadores era evidenciar estratégias que estabeleciam a mudança a ser vivida pelos colonos, isto é, deixariam de ser quem são, abandonariam a sua essência e assim seriam mais facilmente manipulados pelos colonizadores. Na passagem seguinte a cena descrita acima, Robinson começa a raciocinar sobre a influência de Deus sobre a vida das muitas pessoas que habitam o mundo. Ao se referir à questão religiosa, ele tende a excluir os muitos povos desconhecidos de então, pois na visão de Crusoé, esses povos estão longe da presença divina de Deus:

Isso me deu muita ocasião de observar, e com admiração que assim como aprouve a Deus, em sua Providência e em Seu governo das obras de Suas mãos, tirar de tão grande parte do mundo de Suas criaturas os melhores usos a que se prestariam suas faculdades, e os poderes de suas almas, ainda assim Ele os dotou dos mesmos poderes, da mesma razão, das mesmas sensibilidades, dos mesmos sentimentos de gentileza e obrigação, das mesmas noções de gratidão, sinceridade, fidelidade e de todas as capacidades para o bem, e receber o bem, que deu a nós. E quando Ele decide proporcionar alguma ocasião de exercer essas virtudes, eles se mostram tão prontos, na verdade, mais prontos ainda que nós, a aplica-las no uso certo a que se destinam. E isso às vezes me deixava muito melancólico, ao pensar, quando várias dessas ocasiões se apresentaram, como fazemos um uso limitado dessas qualidades, muito embora tenhamos esses poderes muito iluminados pelas grandes luzes da instrução, com o espírito de Deus e o conhecimento de Sua Palavra somado à nossa compreensão; e por que motivo quis Deus manter oculto esse conhecimento salvador de tantos milhões de almas que, a julgar por aquele pobre selvagem, teriam feito dele muito melhor uso que nós. (DEFOE, 2011, pp. 288-289)

Interessante que aqui, Robinson Crusó expõe um duplo pensamento: ao mesmo tempo em que valoriza a realidade de fé de Sexta-Feira e seu povo, acaba também por diminuí-los ao afirmar que Deus e sua Palavra se mantiveram ocultos perante todos. Para compreender melhor a situação de distanciamento divino de seu escravo, Crusó alega que aquele estranho povo de canibais só poderiam ser pecadores, ou seja, que a vida inteira foram destituídos do olhar santificado do Deus Salvador, por isso eles tinham hábitos tão estranhos como a prática do canibalismo, por exemplo:

O canibal assume sua responsabilidade no mundo; o canibalismo não é um comportamento “natural” do homem primitivo (não se situa aliás nos níveis mais arcaicos de cultura), mas um comportamento cultural, fundado sobre uma visão religiosa da vida. Para que o mundo vegetal possa continuar, o homem deve matar e ser morto; além disso, deve assumir a sexualidade até seus limites extremos: a orgia. Uma canção abissínia proclama: “Aquele que ainda não engendrou, engendre; aquele que ainda não matou, que mate!” É uma maneira de dizer que os dois sexos estão condenados a assumir seu destino. (ELIADE, 2010, p. 91)

Crusó não consegue compreender que os atos “selvagens” de Sexta-Feira fazem parte de todo um aparato cultural adquirido durante toda a sua vida. Evidencia-se com o auxílio teórico de Eliade que o canibalismo é visto como uma prática fundamentada na religião pagã como uma espécie de renovação, de recriar pelo antropofagismo o conceito de um mundo novo. Em seguida, Robinson passará a ensinar os preceitos religiosos da Bíblia para que Sexta-Feira vá assimilando novas temáticas e adquirindo uma fé até então desconhecida para ele:

A partir daí, comecei a lhe ensinar algumas coisas sobre o Deus verdadeiro. Disse a ele que o grande Criador de todas as coisas vivia lá no alto, apontando para o Céu. Que Ele governa o mundo com o mesmo poder e Providência com que criou todas as coisas. Que Ele é onipotente, pode fazer tudo por nós, dar tudo para nós e tirar tudo de nós; e assim, aos poucos, fui abrindo seus olhos. Sexta-Feira me ouvia muito bem-disposto, e escutou com atenção a ideia de que Jesus Cristo tinha sido mandado para nos redimir, a maneira de fazer as preces a Deus e que Ele era capaz de nos ouvir, mesmo dos Céus. (DEFOE, 2011, pp. 296-297)

Ao chamar Deus de verdadeiro, Crusó dignifica como não poderia deixar de fazer a imagem sublime do Salvador. Mas o importante aqui é que ao mesmo tempo em que glorifica a imagem de Deus, ele tende a rebaixar a religião de Sexta-Feira. Ao realizar tal intento, Robinson busca todas as possíveis formas de dominação para com

seu subalterno e evidencia o direito que ele possui, na verdade uma alegoria da coroa inglesa de governar aquele ambiente. A partir disso, Robinson narra o relato de Sexta-Feira e a experiência deste com o seu Deus Maior:

E um dia me disse que, se o nosso Deus era capaz de nos ouvir de mais além que o Sol, só podia ser um Deus maior que o Benamuque de seu povo, que vivia mais perto mas ainda assim não escutava o que lhe diziam, a menos que subissem as grandes montanhas onde morava. Perguntei se ele já tinha ido até lá, falar com ele; Sexta-Feira respondeu que não, que os jovens nunca iam, só quem fazia a jornada eram os mais velhos, que ele chamava de Ouocaque, ou seja, como me explicou, seus religiosos, ou sacerdotes, e que diziam *Oh* (como ele chamava fazer as preces) e depois voltavam, contando o que Benamuque respondeu. Observei a partir disso que existem sacerdotes mesmo entre os mais ignorantes e cegos dos pagãos do mundo; e que a ideia de criar uma religião cheia de segredos. A fim de preservar a veneração das pessoas aos sacerdotes, não era praticada apenas pelos Católicos Romanos, mas por todas as religiões do mundo, mesmo entre os selvagens mais bárbaros e ferozes. (DEFOE, 2011, p. 297)

Interessante que mesmo descobrindo por Sexta-Feira que além da religião cristã existem outras religiões pelo mundo, com diferentes contextos de situação, construídas e desenvolvidas por uma estrutura previamente definida, Robinson estranha o relato do nativo sobre estes fatos. Fica evidente que apesar da forte expansão ultramarina inglesa, pouco os britânicos conheciam sobre esses povos conquistados.

Convém realçar o uso de vocábulos pejorativos que Crusoé utiliza para caracterizar o povo e a religião de Sexta-Feira: *ignorantes, cegos*. Torna-se claro para Robinson que o tipo de cultura que seu amigo aprendeu durante toda a sua vida não é digno aos olhos dos homens civilizados e muito menos aos olhos de Deus; justamente por ter essa concepção acerca do que ele ouve no relato do colono, acaba por buscar meios de convencê-lo de que tudo o que sabe sobre questões divinas não passam de fraudes, mas fraudes no ponto de vista de Robinson, pois ele chega a afirmar posteriormente que conseguiu “desfazer essa fraude para o meu Sexta-Feira, e disse que aquela história dos velhos, de que subiam a montanha para dizer *Oh* ao deus deles, Benamuque, era uma farsa, e que trazerem de lá uma resposta do deus era uma falsidade ainda maior” (DEFOE, 2011, p. 297). Novamente é necessário ter atenção ao uso de palavras comuns ao texto de Daniel Defoe, pois quando se refere ao Deus cristão, Crusoé usa a letra inicial maiúscula, louvando a grandeza de tal ser, porém ao mencionar o Deus adorado por Sexta-Feira, ele se vale da grafia de uma letra inicial minúscula.

No que concerne ao se apropriar do romance como forma de legitimar o gênero e se valer de um jogo linguístico que vai muito além do uso das palavras em um determinado contexto meramente econômico e/ou político, mas também Defoe sabe, na época, como poucos, utilizar outros mecanismos de controle, como afirmado por Lima (2009) em *O Controle do Imaginário e a Afirmação do Romance: Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy* com o objetivo de se ter também um domínio ideológico no que compete ao social, domínio que aqui, neste artigo, é analisado sob o prisma da religião.

Aos poucos, conseguindo converter Sexta-Feira para a religião cristão, Robinson Crusóé faz de seu amigo um ser sociável, pois quando retornarem para a Inglaterra ele possa não ser visto pela sociedade com um ser exótico, mas como um ser que faz ou passará a fazer parte daquele meio de sociabilidade organizada:

O selvagem era agora um bom Cristão, muito melhor que eu; embora eu tenha razão para esperar, louvado seja Deus, que éramos penitentes no mesmo grau, reconfortados e restaurados pela penitência; tínhamos a Palavra de Deus para ler, e não estávamos mais distantes da instrução de Seu espírito do que vivêssemos na Inglaterra. (DEFOE, 2011, p. 302)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo exposto surgiu de uma necessidade de demonstrar que mesmo uma obra canônica como o Robinson Crusóé, de Daniel Defoe, pode ainda, nos dias atuais, suscitar discussões novas e que tem por objetivo maior enriquecer a fortuna crítica da mesma. A intenção no presente texto sempre foi de evidenciar o fator religioso do texto defoeniano, questão de relevância para se ter uma compreensão mais profunda da narrativa.

O *Robinson Crusóé*, como mencionado anteriormente, foi uma trama analisada sempre com um viés econômico, que implica uma descrição social muito bem delineada ao longo do texto. Como uma narrativa de aventura, expande de certa forma o poderio da coroa inglesa, nação dominante da época em que a história é narrada. Mas sendo um romance de uma riqueza narrativa ímpar, o texto de Defoe está carregado de muitos outros significados que vão além daquilo que foi analisado por uma infinidade de críticos. Indo contra os pensamentos de um Luiz Costa Lima e de um Ian Watt que afirmam que a religião não é um dos pontos significativos da obra, procurou-se destacar

o contrário do afirmado por renomados críticos, pois em muitos trechos da obra, mesmo antes de Robinson Crusoe salvar Sexta-Feira na ilha e passar a subjogá-lo mediante o uso do aparato religioso, as referências bíblicas já estavam lá, destacando o fato de que para entender melhor a sua obra, Defoe estabelece para seus leitores uma intrincada rede de situações que vão desde o vetor econômico até o religioso.

Portanto, *Robinson Crusoe*, por trazer consigo, em suas linhas, características tão universais como a política, a economia, a religião e a história é considerada uma das principais obras da literatura mundial. Mesmo como sendo uma narrativa antiga para os parâmetros atuais, ela ainda traz consigo questões que são muito debatidas hoje em dia, no caso, a religião de povos que buscam não serem denominados pelas grandes potências da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FONSECA DIAS, Daise Lílian. A Ideologia Imperialista na Literatura Colonial Inglesa. *Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. ISSN 1518-3394.
- LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário & a Afirmação do Romance: Dom Quixote, As Relações Perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido em: 12.03.2014

Aceito para publicação em: 25.06.2014